



# REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

## “ENTRE AS ESPINHAS E ABROLHOS DOS PECADOS”

Antonildo Santos de Magalhães<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como tema a atuação missionária da Companhia de Jesus no Brasil, entre os anos de 1699 e 1702. Analisamos como a ação pastoral da Companhia foi redefinida diante dos limites enfrentados para a sua execução na colônia. Além disso, procuramos compreender como a atuação jesuíta, que inicialmente era destinada apenas aos gentios, direcionou-se, também, aos colonos e africanos escravizados, livres ou libertos. Destacamos, ao longo do trabalho, o espírito de caridade e piedade que movia os missionários e o papel dos inacianos como mediadores no processo da conquista portuguesa. Desta forma, buscamos contribuir para a ampliação do conhecimento da religião e da religiosidade cristãs no período colonial brasileiro.

**Palavras-chaves:** Jesuítas. Missão. Igreja. Dinâmica colonial. Negociação.

As missões pelas vilas e sertões foram experiências singulares dentro do contexto das atividades missionárias jesuítas no Brasil colonial. As longas distâncias e a falta de clérigos ou párocos para oferecer o pasto espiritual aos moradores daquelas regiões exigiram, por vezes, que os jesuítas desrespeitassem jurisdições religiosas e prestassem assistência a quem necessitava. Além disso, consideramos que as missões pelo interior devem ser pensadas no contexto do processo de doutrinação cristã empreendida em Portugal e nas colônias, onde a doutrina confessional cristã tinha papel fundamental para “civilizar” os homens e contribuir para o chamado “bem comum”. A documentação analisada nesse artigo é rica em exemplos nos quais a atuação missionária parece ter sido fundamental para manter a ordem da sociedade civil. Entretanto, não queremos afirmar que os inacianos eram instrumentos do poder régio para manter os colonos sob seu domínio. Para os padres jesuítas, suas ações

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Contato: [masantosasm@gmail.com](mailto:masantosasm@gmail.com). Ou [magalhães.toni@hotmail.com](mailto:magalhães.toni@hotmail.com).

eram de caridade e movidas pela vontade de apaziguar os membros reintegrando-os à comunidade cristã. No entanto, não podemos deixar de observar que a paz da comunidade dos filhos de Deus era a garantia da tranquilidade do governo de El Rei e da afirmação da Igreja.

Não eram apenas os padres da Companhia que se beneficiavam dessas informações. A literatura sobre o Novo Mundo, incluindo a literatura missionária, tornou-se popular na Europa, principalmente no século XVI. Ela era lida pelo público que “apaixonou-se pelas descrições do Novo Mundo, pelos costumes dos índios, pelas façanhas dos missionários”<sup>2</sup>. Naquele período, ainda havia uma grande curiosidade pelas terras recentemente “descobertas” “novo mundo”, habitadas por seres fantásticos e depósitos de grandes tesouros, um mundo exótico<sup>3</sup>. Sérgio Buarque de Holanda afirma que essa visão maravilhada que os europeus construíram em relação aos espaços, que até então eles desconheciam e aos poucos foram mantendo contato diminuiu a partir do século XVI “embora não dissipe da imaginação popular antes do século XVIII”<sup>4</sup>.

Para os jesuítas as cartas eram a via pela qual eles apresentavam o sucesso do projeto missionário que, mesmo tendo enfrentado dificuldades havia alcançado êxito. Através desta literatura edificante conquistavam novos membros e confirmavam sua importância na sociedade colonial. Assim, quando utilizada como fonte histórica, cabe-nos considerar esse aspecto da documentação. Muitas informações presentes nessas cartas são projeções com base no universo cultural dos jesuítas, geralmente, homens europeus, que captam o outro e seu mundo numa perspectiva própria. O jesuíta, também, é um colonizador. Entretanto, não podemos descartar essas fontes, quando lidas com o devido rigor, podemos encontrar entre as imagens e suas projeções o recuar de um, e o enfrentamento do outro, as aproximações e os desencontros, o medo e o encantamento, a dominação e a resistência, enfim, a história e os sujeitos que a fazem.

---

<sup>2</sup> CASTENAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p.43.

<sup>3</sup> Para saber mais, ver também: (PROSPERI, 1994: 160). PROPERI, Adriano. “O missionário”. In: VILLARI Rosário. *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

<sup>4</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.172.

Quanto à documentação já apresentada anteriormente podemos dizer que as cartas ânuas possuem um padrão: iniciando-se sempre com a indicação do destinatário. Em seguida, relata-se o santo escolhido como patrono da missão e são feitos os agradecimentos às autoridades civis e religiosas que possibilitaram tal empreendimento. Logo após faz-se as devidas referências aos obstáculos que encontrarão até chegar ao local da missão e passam a descrever os casos gerais e os específicos. Por fim, a despedida do provincial, onde o autor sempre pede a benção. Este aspecto das fontes fez com que optássemos por analisá-las a partir da ação dos jesuítas em situações específicas. Pretendemos explorar as fontes buscando respostas e também levantando novos questionamentos, sem oferecer respostas acabadas, portanto, não propomos nenhuma conclusão definitiva, assim como as fontes, que apenas sugerem algumas questões.

Analisamos relatos dessas missões realizadas pelos jesuítas no interior do Brasil, espaço que era conhecido no período colonial de modo genérico como “sertões”. O marco inicial do nosso trabalho é 19 de março de 1699, data em que dois missionários partiram para as vilas de São Paulo e vilas adjacentes, como descreve o padre Antonio Rodriguez. Pela tradição católica, aquele dia é dedicado a São José, escolhido como patrono da missão. As informações descritas por Rodriguez nos possibilitam compreender a forma como os jesuítas atuavam nessas missões itinerantes. Eram verdadeiras peregrinações que tinham por finalidade garantir a assistência do pasto espiritual à comunidade, com a realização dos sacramentos: o batismo, a eucaristia, o casamento, a confissão e a extrema-unção<sup>5</sup>; além de fazerem as pazes entre os colonos que estivessem em conflito ou desacordo e realizarem os ministérios da missa e da pregação<sup>6</sup>. Nesse contexto, também eram feitas apreciações sobre a observância da moral e dos bons costumes impostos aos membros do grêmio católico.

### 1.1. O batismo

---

<sup>5</sup> O sacramento da ordem ou ordenação ficava de fora do âmbito missionário, pois se destinava apenas aos candidatos ao sacerdócio. O sacramento da confirmação ou crisma pertencia exclusivamente à alçada dos bispos ou seus visitantes.

<sup>6</sup> Santana afirma que o Concílio de Trento (1545-1563), ratificou a importância dos sacramentos para os cristãos. Dessa forma, a Igreja renovada terá todo empenho em administrá-los para a população (SANTANA, 2000: 7).

O batismo é o sacramento que indica o ingresso do indivíduo na comunidade cristã, nesse caso, católica: “Na conquista das almas pagãs para Cristo, o último passo da catequese propriamente dita, e o primeiro da vida cristã é o batismo”.<sup>7</sup> Ele estava no centro das preocupações dos jesuítas. No caso dos índios, no entendimento dos padres, o batismo, além de marcar o ingresso na comunidade cristã, marcava também o início do fim do estado de “barbaridade” e “selvageria”. Dessa forma, o batismo era mais que um elemento da vida espiritual, era também um elemento da vida civil. É assim que, na missão de 1699, o padre Antonio Rodriguez cita alguns exemplos em que os missionários batizaram pessoas das vilas visitadas: “puzerãose Santos oleos a 95 innocentes brancos. A 104 innocentes Indios; a 86 adultos brancos; a 78 adultos indios, que pellas distancias dos lugares estavam privados das seremonias dos stos. Baptismo”.<sup>8</sup> Esse trecho da documentação permite perceber o quão normal era para aqueles religiosos o batismo de pessoas brancas, tanto quanto de índios. No exemplo acima, são batizados 181 brancos e 182 índios, entre crianças e adultos, quantidade bastante próxima e que dificulta pensar que a missão tivesse como foco os gentios. Fica patente, também, uma crítica ao paroquiano, a quem os padres tinham pedido licença para atuarem. Voltaremos a essa discussão mais à frente.

Na carta ânua do ano de 1700, o mesmo Antonio Rodriguez conta o caso de um mancebo “tapuya” que aprendeu a doutrina e por não falar a “língua dos índios”, os missionários não o batizaram, esperando primeiro que ele aprendesse a língua geral, no entanto,

[...] sobreveo-lhe neste tempo hum frenezi tão forte; que privandoo total~~mente~~. Do juízo o deixou doudo, e entre as muitas doudices, que o pobrezinho fazia, foi entrar hum dia na Igreja à tempo que se ensinava a doutrina, e pondo-se de joelhos primeiro, se levantou logo, e sem dizer palavras se foi a pia do baptismo, que era de barro, e a fes em miúdos pedaços. O que nos deixou admirados e compadecidos; compadecidos de sua desgraça, e admirados da consideração de que lhe permitiria Deos quebrasse a pia, por não ter servido *para* o seo baptismo.<sup>9</sup>

O padre Antonio Rodriguez interpreta que a atitude do gentio teria decorrido da loucura, o que já poderia ser questionado, esse súbito estado de loucura.

<sup>7</sup> LEITE, Serafim S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Vols. II e V. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p.271.

<sup>8</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 3).

<sup>9</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 10 v).

Mas, considerando que realmente o índio “tapuya” tenha apresentado algum problema de saúde mental, seria realmente a vontade dele em ser batizado que o fez quebrar a pia batismal? A fé teria resistido à loucura daquele índio, uma vez que é comum haver nos relatos dos missionários, alusões de que os índios desaprendiam com a mesma rapidez que aprendiam? Ou este caso revela as projeções dos jesuítas sobre uma realidade que eles não compreendiam bem? Seria, talvez, a realidade desejada e/ou necessária à edificação da missão?

Por outro lado, levando-se em conta que realmente o período de doutrinação que o gentio passou, enquanto gozava de plenas faculdades mentais, o tenha feito querer ser batizado e por ódio tenha quebrado a pia. Essa é uma oportunidade para pensarmos que os gentios estabeleciam relações de negociação com os missionários. Mais à frente, os missionários afirmam que o gentio teve um breve momento de lucidez e então:

[...] acudirão logo os missionários, e dispondo brevemente, como pedia a necessidade o baptizamos de que elle mostrou suma alegria, mas tornando dahi a pouco a sua doudice, sem ter mais outro lúcido intervallo, a outro dia depois de baptizado, deu a alma à aquelle Senhor que por elle havia dado a vida. Deixando os com sumo gozo de o haver baptizado, pois por este meyo assegurou a sua bem aventurança eterna.<sup>10</sup>

Nesse caso, já doutrinado, o nativo quebrou a pia batismal ao mesmo tempo pela fé e pelo ódio de ainda não ter sido batizado, mas sua ação, em parte, foi responsável pelo batismo recebido antes de morrer.

## 1.2. A eucaristia

Nas diversas paragens por onde os missionários passavam não deixavam de realizar o sacramento da comunhão. Era de suma importância administrá-lo à população, fazê-la sentir a experiência transcendental de ter o contato com divino. Em meio à liturgia da missa, o homem colonial recebia a eucaristia, “significando a presença do Cristo entre o grupo dos cristãos”.<sup>11</sup> O momento da transubstanciação

<sup>10</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 10 v.

<sup>11</sup> SANTANA, Tânia pinto de. *Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial*. Ano de defesa: 2000, 186 páginas. Dissertação (mestrado em História) -Universidade federal da Bahia. Salvador, 2000, p.7.

oferecia a possibilidade dos homens visualizarem o verbo que se fez carne para garantir a salvação das almas humanas. Os jesuítas moviam os sentimentos da população colonial e essa sensibilidade fazia com que eles estivessem mais suscetíveis à incorporação da “perfeição de vida cristã católica”.

Desta forma percebemos na documentação várias descrições da prática desse sacramento. Na missão pelas vilas de São Paulo no ano de 1699 o padre Antonio Rodriguez, apresentando os casos gerais que tinham ocorrido naquela missão, relata: “as comunhões dez mil, cento, e quarenta e nove”. Para a missão do ano de 1700, o mesmo padre Rodrigues indica o número de 390 comunhões. Já nas missões pelos sertões de Pernambuco no ano de 1702, o padre João Pereyra afirma que a comunhão foi dada “a quatro mil novicentas e sete pessoas”. Em nosso trabalho, não nos preocupamos em saber se os números apresentados são exatos ou não. O que nos chama atenção é a importância dada pelos jesuítas aos sacramentos. Sendo exatos os números, eles indicariam um esforço gigante dos missionários. Caso tenham sido supervalorizados, apontariam da mesma forma para o valor dado ao sacramento da eucaristia pelos missionários.

Mesmo entre os enfermos este sacramento deveria ser administrado. Afinal, o enfermo estava em uma situação de perigo iminente, a qualquer momento poderia morrer. Sem a administração dos sacramentos católicos havia a possibilidade da perda da salvação de sua alma. Tânia Pinto de Santana observa que, quando destinada aos moribundos, a comunhão recebia o nome de viático. Na missão pelas vilas de São Paulo, Rodriguez relata: “deu-se o senhor viático à dezesseis enfermos”. Na batalha “para a maior glória de Deus” – lema oficial da Companhia de Jesus – quanto mais difícil fosse o trabalho, mais valioso seria o fruto. Salvar um moribundo da danação do inferno garantia um grande avanço na construção empreendida pela Companhia de Jesus aqui na Terra, no terreno da Igreja Católica e no plano superior com a salvação das almas de seus membros.

### 1.3. O Casamento

Na concepção jesuíta, viver na colônia expunha a população a um constante perigo quanto a seguir uma “vida correta”. Os hábitos dos gentios, dos negros escravizados e mesmo dos colonos eram vistos como lascivos e despidorados, destacadamente os casos de poligamia e relações entre consanguíneos.<sup>12</sup> Diante dessa situação difícil de controlar, os inicianos viam a instituição do casamento como um mecanismo importante para preservar os “bons hábitos cristãos”. O casamento assegurava o “bem viver” dos cônjuges e dos futuros rebentos. Como afirma José Carlos Sebe: “A família era uma necessidade para a regularização da vida colonial”.

13

Deste modo, os missionários Joseph Bernadino e Domingos de Arahujo, na carta enviada ao padre Francisco de Mattos, provincial da Companhia de Jesus no Brasil, no ano de 1701, relatam as muitas ações feitas pelos sertões da Bahia. Dentre elas está a informação de que foram realizados “quatro cazamentos *para* por meio de Santo Matrimonio se unirem com Deos os *que* havia muitos anos estavam delle apartados pella torpe amizade, em *que* vivião”.<sup>14</sup> O relato evidencia a preocupação dos jesuítas em suprimir as uniões que não tinham sido oficializadas pela Igreja (“amizades”) e também nos permitem perceber que as relações “não oficiais” (pelo menos no entendimento dos missionários) eram algo relativamente comum.

O padre João Pereyra escreveu no *Breve compendio para a junta das missões no ano de 1702*, que durante a missão dos padres Jozepb Bernadino e Francisco de Lima nos sertões da Bahia muitos colonos abandonaram o “mal encaminhamento” em que viviam e adotaram medidas para corrigi-lo. Seu relato nos diz o seguinte:

As ocaziões escandalozas, que se atalharão forão perto de sesenta; e uma destas com perda da fazenda e com perigo de mortes. Huns venderão as Escravas, co as quais andarão mal encaminhados, a pessoas, que moravão em parte muito distantes, para as não verem; outros cazarão suas concubinas, e as dotarão em satisfação de suas culpas.<sup>15</sup>

No primeiro exemplo, onde são apresentados alguns casos de uniões afetivas não oficializadas pela Igreja, “o viver de portas adentro” ou a “torpe amizade”, vimos

<sup>12</sup> LEITE, Serafim S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Vols. II e V. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006 p.291-296.

<sup>13</sup> SEBE, José Carlos. *Os jesuítas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.74.

<sup>14</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 15 v).

<sup>15</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 23 v).

que com a chegada dos missionários, o casamento foi a solução encontrada. Tratava-se de colonos, pessoas brancas que viviam juntas e formavam suas famílias sem a oficialização da Igreja, talvez, pela dificuldade em encontrar padres, o que parece comum nos relatos dos jesuítas, para evitar os custos do casamento, ou mesmo por considerarem a oficialização desnecessária.

No segundo exemplo a solução é bem diversa da primeira. As pessoas que viviam em “mal estado” não tomaram o enlaçamento matrimonial como a solução para o dito “problema”. A relação não era apenas entre colonos; eram relações entre senhores e mulheres escravizadas, indivíduos de “qualidades sociais” diferentes. A solução foi vender as chamadas concubinas ou realizar o casamento dessas mulheres com outros parceiros e a respectiva dotação por parte dos culpados, ou seja, a compra do dote, os bens que a noiva oferecia ao noivo quando se casavam. Em resumo, o “mal estado” em que viviam foi afastado. O casamento entre senhores e escravas não era possível, nem desejado. Nisso, colonos e jesuítas parecem ter concordado. A documentação não retrata os aspectos afetivos entre senhores e mulheres escravizadas. É possível pensar que na compreensão dos missionários, aqueles casos se tratassem apenas de um ajuntamento carnal. A existência de sentimentos entre aqueles indivíduos pode não ter sido mensurado, simplesmente, pelo fato do sujeito escravizado ser considerado como despossuído de afetividade. Os padres visualizaram na dominação escravista, as mulheres usadas como objeto sexual, uma possibilidade provável e, talvez correta, mas dificilmente a única possível.

#### 1.4. A confissão

Os missionários travavam intensas campanhas na tentativa de “arrebanhar” mais “ovelhas” para os “pastos do Senhor”. Ao gentio que era considerado em estado de inocência e/ou selvageria, primeiro se deveria ensinar a doutrina e depois o batismo, que marcava o início da vida cristã. Mas, nos casos em que os indivíduos já conheciam a doutrina cristã e tinham infringido algum princípio, a confissão oferecia a possibilidade de reconciliação com Deus. Para os jesuítas, a confissão tinha um papel fundamental na vida dos cristãos. Joseph Bernadino e Domingos de Arauhjo, na carta sobre a missão de 1702 afirmam que “as confissões, **que** era o principal fim à

**que** se encaminhava o nosso trabalho, por ser este o meio principal, e único **para** se reconciliarem com Deos, os **que** pello peccado tem perdido a sua graça e amizade”.<sup>16</sup> A respeito da importância que a confissão tinha para os inacianos, O'Malley observa que sua prescrição já estava presente em um dos primeiros e mais importantes documentos jesuítas, o livro dos Exercícios Espirituais.<sup>17</sup> Nas missões itinerantes pelo interior, a confissão ganhava ainda mais importância pelo fato de o público-alvo ser, em parte, uma população desassistida pelo clero diocesano, o que, na compreensão inaciana significava que estava mais propícia ao pecado. Desta forma, as cartas apresentam vários casos em que os missionários se dedicam a este sacramento. Alguns casos retratam confissões “gerais”, que eram aquelas em que o indivíduo fazia uma análise de consciência de toda a sua vida, até mesmo, o ocorrido antes da última confissão, fosse ela ordinária ou geral; e as outras eram as confissões ordinárias, que consistiam nas anuais, comuns a todos os cristãos, realizadas, geralmente, no período da quaresma. O padre Antonio Rodriguez, na carta da missão pelas vilas de São Paulo, em 1700, escreve:

[...] as confissões ordinárias **que** fizemos nesta parte da missão, forão quatro mil quinhentas e cincoenta. Geraes de toda a vida por devação, cento e dez. Gerais necessárias, já por peccados encubertos, já por outras razoes, **que** as fazião sacrílegas, e nullas, trinta e oito: Hua de hu anno, dez de quatro, hua de nove, duas de doze, quatro de vinte, sete de trinta, cinco de quarenta, e oito de sessenta annos.<sup>18</sup>

Independente da exatidão dos números é possível perceber a importância dada à confissão. Ao mesmo tempo em que esses números podem ser percebidos enquanto o fervor da ação em favor da caridade cristã, ela também pretende edificar a imagem da ordem e dos missionários. Quando observamos a referência a 4.550 confissões ordinárias realizadas, os números parecem ser um indicativo da falta de assistência religiosa aos moradores das vilas visitadas.

### 1.5. A extrema-unção

<sup>16</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 15 v).

<sup>17</sup> O'Malley afirma que para o conhecimento mais aprofundado sobre a Ordem jesuíta é necessário o conhecimento de quatro documentos: A Fórmula do Instituto (apresentada ao papa para aprovação da ordem), o livro dos Exercícios Espirituais, as Constituições da Companhia de Jesus e a Autobiografia de Inácio. O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. Tradução de Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos/Bauru: Universidade do Sagrado Coração-EDUSC, 2004, p.79.

<sup>18</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 5 v).

Em vários momentos, os missionários se viam obrigados a aplicar o último dos sacramentos a que um cristão em bom estado de saúde desejava ouvir, a extrema-unção. Este sacramento, ao contrário do batismo que marca o início da vida cristã, registra o fim, a morte, ou o início da vida num “plano superior”. Para os padres, o momento da morte era muito importante para garantir a salvação de indivíduos que não tinham tido uma vida norteada pelos preceitos cristãos, embora a unção dos enfermos fosse fundamental a todos os cristãos. João José Reis observa que durante o período colonial e mesmo já no período do império era comum entre os católicos a preocupação com o “bem morrer”, que prescindia de um planejamento, sendo fundamental a presença de um padre para fazer a extrema-unção no momento derradeiro.<sup>19</sup>

Desta forma, na concepção dos missionários, a extrema-unção era fundamental para a vida cristã. Na missão nas vilas de São Paulo, em 1700, o padre Antonio Rodrigues relata:

[...] achamos dous índio a **quem** a bicha acometera naquelles mattos; e agora mais fora, ou pello mato onde sem piedade os mordera, ou ainda mais pella mizeria a **que** os chegara: pois não tinha outra Companhia, mais **que** a soledade, nem outros companheiros, mais **que** o dezemparo de tudo o **que** pudesse ser remédio do corpo ou medicamento da alma. Confessarão-se, e comungarão e recebendo ambos os sacramentos, e a extrema unção, **que** foi o maior conforto, **que** lhe podemos aplicar na maior luta, morrerão. Ficando nos consolados, e também estes, como sem muita duvida piedozamente. crer, e não duvidar da Providência **que** nos levou por aquelles dezertos, **para** remédio daquelles dezamparados, **que** sem duvida morreriam sem sacramentos, se Deos por alli nos não guiasse. Alcançando também com a morte a ventura de deixar de ser índios.<sup>20</sup>

Este relato em que Rodrigues descreve o momento derradeiro da vida de dois gentios acometidos pela febre amarela é revelador do sentimento de caridade e piedade dos missionários. Eles se entendem como médicos do corpo e da alma. Ao corpo, os jesuítas administravam os emplastos, banhos e beberagens, procedimentos médicos acumulados através do acesso de uma variada literatura sobre o assunto e da pesquisa de ervas medicinais, incluindo o aprendizado de receitas e técnicas de cura nativas.

<sup>19</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.91-110.

<sup>20</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 5 v).

Como remédio da alma, eram administrados os ensinamentos da doutrina cristã para salvar as almas. Nesse sentido, todos que desconheciam ou não praticavam a doutrina eram doentes, portanto, potenciais pacientes a serem cuidados. É assim que os missionários consideram, em parte, positiva a morte dos gentios após receberem os sacramentos do batismo e da extrema- unção. Para esses missionários, seria melhor a “morte saudável”, assistida pela igreja, de acordo com a doutrina cristã, a viver com a “alma doente”, que era a vida de todos que desconheciam ou não praticavam os preceitos da fé cristã.

#### 1.6. A missa e as pregações

Tão importante quanto a administração dos sacramentos era a realização dos ministérios da palavra de Deus: missas e pregações. Durante as missões itinerantes, estes eram momentos onde a atividade missionária era direcionada ao coletivo. “Pregar é o meio próprio da propagação da fé”.<sup>21</sup> O auditório reunido ouvia a missa ou a pregação. Durante as missões pelo interior no Brasil, os padres entendiam que estes eram momentos essenciais para doutrinar a comunidade.

A matéria sobre **que** se fazião as demais pregações era conforme a necessidade. **que** julgamos **haver** nos ouvintes, encaminhando-se porem todos à arraigar-lhes nos coraçoes hum Santo amor e temor de Deos com a perseverança na sua graça por meio de hua Reforma de suas vidas, e de hua vida ajustada com as obrigaçoens de seos estados.<sup>22</sup>

Por se tratar de ministérios realizados em público, acabavam tendo o efeito de disseminar regras de comportamento geral. A pregação foi concebida, portanto, como um dos instrumentos mais adequados para a função disciplinadora que a Igreja pós-tridentina assumira.<sup>23</sup> Desta forma, os indivíduos tornavam-se vigias uns dos outros, produzindo uma preocupação geral com a “reforma de suas vidas” e o ajustamento social.

<sup>21</sup> LEITE, Serafim S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Vols. II e V. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p.2990.

<sup>22</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 15 v).

<sup>23</sup> PALOMO, Federico. *Fazer dos campos escolas excelentes: os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Edição-Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e a tecnologia, 2003, p.294.

Na mesma missão aos sertões da Bahia, já referida, os missionários Joseph Bernadino e Domingos de Arauhjo dão conta de que:

[...] de tarde **havia** doutrina **para** os pretos, à qual assistia também muita gente branca, dando muita edificação nesta parte os senhores, **que** não se contentando com mandar seos escravos à doutrina, vinhão também à ella, e assistindo em pê entre os mesmos escravos, a ouvião com grande atenção, e consolação do doutrineiro (BRAS. 10-1, f.15).<sup>24</sup>

Este parece ser mais um exemplo onde os missionários pretendem edificar a imagem da ordem. A ênfase dada pelos missionários ao fato dos colonos brancos, pessoas de uma camada social superior, assistirem a pregação entre os escravizados, é algo sem dúvida incomum, tanto o é que os jesuítas procuram destacar este fato. Pessoas de “alta qualidade social” assistindo a pregação entre seus escravos demonstrava um grande fervor religioso. Os padres não atentam, ou talvez, não queiram atentar para o fato de que a presença dos senhores poderia ser justificada também, ou apenas, pela preocupação em resguardar suas posses. Embora seja possível pensar que realmente a presença dos missionários conseguisse mobilizar aquela comunidade, que segundo os missionários, carecia de ministros da fé.

Por outro lado, ainda que a função destas informações seja a edificação, elas podem ser reveladoras de uma visão de mundo desejada ou idealizada. Pois mesmo que tivesse uma visão do colonizador europeu em relação ao escravizado africano, os autores da carta entenderam como algo positivo o fato dos colonos terem se agremiado aos seus escravos para ouvirem a pregação, o que, talvez, revele o desejo da concretização de uma comunidade cristã. Caso tenha sido este o caso, os missionários dão um exemplo onde o desejo de união entre os cristãos suprimiu as diferenças de uma sociedade hierarquizada, em grande medida, pelo sistema escravista.

#### 1.7. Tirando os vícios e os pecados

Por fim, o programa jesuíta continha ainda a análise comportamental dos sujeitos coloniais, na tentativa de depurar os hábitos e as práticas tidos como

<sup>24</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 15 v).

corruptos ou defeituosos. Os indivíduos que se encontravam nessa situação deveriam ser persuadidos a deixar o “mau estado” em que viviam e retomar a vivência cristã. Na concepção jesuíta, a existência desses homens e mulheres “perdidos” constituía uma ameaça ao bem espiritual de toda a comunidade. Os missionários Joseph Bernadino e Domingos de Arahujo contam um caso que ocorreu nos sertões da Bahia de um rapaz que vivia em uma situação de pecado e que, mesmo sendo advertido pelo vigário,

[...] *para que* largasse hua occasião de peccado em *que* havia annos persistia, e como o não quizesse fazer, o chegou a excomungar, levou este perdido moço tanto a mal o *que para* seo bem tinha feito o seo pacocho, *que* saindo fora da Igreja o começou a ameaçar e descompor em altas vozes, e doendo-se o dito Parocho da cegueira e obstinação deste moço, se revestio de hum santo zelo, e lhe dice, *que* reparasse não fazia à elle aquelle agravo, se não Deos cuja pessoa representava, *que* se arrependesse, e lhe pedice perdão por*que* se assim o não fizesse sem duvida o castigaria, e o chamaria a juízo antes de quinze dias *para* lhe dar conta *que* tinha feito.<sup>25</sup>

O desfecho desse caso é a morte do rapaz, que vitimado por um tiro de bacamarte carregado de pregões e munição, foi encontrado em cima da cama feito em pedaços. Os missionários interpretam que a morte resultara da intervenção divina, o castigo. É interessante lembrar que estes são os mesmos missionários que criticam no caso que foi citado anteriormente, os ministros da justiça que perdoam ou dissimulam os atos criminosos pelo sertão baiano. Uma vez que consideramos como provável que não foi o “dedo da graça” quem acionou o gatilho do bacamarte, fica a pergunta: de quem teriam sido os dedos? Quais foram os motivos do assassinato? Eles podem ou não estar associados ao dito “mau estado” de vida do rapaz? E principalmente, por que neste caso específico, os missionários atribuem o assassinato do rapaz à ação divina e não à ação humana?

Neste episódio particular não há a atuação dos jesuítas. Eles apenas narram o caso que tomaram conhecimento através do pároco da freguesia. Mas, o fato deles terem selecionado este exemplo e o terem citado na carta é um indicativo de que aquele era um caso que se enquadrava como um exemplo de vida pecaminosa ou desmoralizada. Contudo, fica a dúvida de qual teria sido o pecado e/ou vício do “perdido moço”. Seria um caso de sodomia, tão execrado pela Igreja Católica? É uma

<sup>25</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 17 v).

possibilidade, principalmente, quando analisamos que os missionários parecem fazer questão de não denominar o referido ato pecaminoso, como fazem em outros casos. Na documentação analisada neste trabalho, só percebemos essa preocupação em não citar o ato pecaminoso em mais um momento que foi o de um pecador que “perseverava em hua ocasião sensual, este ouvindo hua pregação contra o vicio da sensualidade”.<sup>26</sup> O pecador deixou o “mal estado” e voltou a viver de maneira cristã.

Outro exemplo interessante a ser mencionado neste tópico são as recomendações feitas pelos missionários aos senhores de engenhos e lavradores de tabaco e canas da Bahia para que:

[...] dessem as escravas com que decentemente cobrise, para que o não procurassem com offensas de Deos; e muito mais, que por ambição lhes impedissem ir a missa nos domingos, e dias santos, como muitos.<sup>27</sup>

A função de vestir as escravas decentemente tinha a dupla função de vestir uma mulher cristã, pois fugia à regra moral uma pessoa andar desnuda e ao mesmo tempo evitar a tentação aos senhores em manter relações consideradas desonestas com as ditas escravizadas. Por outro lado, há também uma condenação da ambição dos proprietários que não permitiam que seus escravos frequentassem a missa por não quererem liberá-los da labuta nas lavouras e/ou nos engenhos. Os posicionamentos dos religiosos nesses casos permitem aferirmos que havia um projeto depurador da moral e dos costumes do sujeito colonial. A vida das pessoas deveria obedecer a um padrão tido como adequado à vida de um “bom cristão”.

Após termos ponderado a respeito desses momentos da prática missionária jesuíta pelo interior do território americano, hoje Brasil, é possível fazermos algumas considerações. O programa pastoral destes missionários incluía não apenas a catequese como também os sacramentos do batismo, casamento, eucaristia, crisma, unção dos enfermos, além de ministérios que possuíam nítidos objetivos doutrinários e civilizacionais tais como fazer as pazes e tirar os ódios, expurgar os vícios e os pecados, officiar missas e pregações. O exemplo dado pelo padre João Pereyra a respeito de duas famílias que estavam em litígio no sertão da Bahia e que foram convencidos a abandonarem a contenda e do padre Antonio Rodriguez pelas vilas de São Paulo, em que relata que fizera a reconciliação entre vários inimigos, aos quais, se não fosse

<sup>26</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 24).

<sup>27</sup> Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI): (BRAS. 10-1, f. 24).

a missão, teriam se matado, são reveladores dessa tentativa de enquadrar os indivíduos em um padrão tido como necessário para a vida em sociedade. Era preciso fazer as pazes para que os sujeitos cumprissem os papéis sociais esperados de cada um, seja o colono pobre, o rico senhor ou (quer seja) o nativo ou o africano, escravizado, livre ou liberto.

Palomo compreende que a Igreja e outras instituições eclesiásticas possuíam grande capacidade de controle social em Portugal devido ao quadro confessional no qual o país estava inserido. Assim, as missões jesuítas itinerantes pelo interior de Portugal tinham raízes nesse projeto confessional, além de possuir grande influência das ordens mendicantes que sugeriram na Idade Média tardia.<sup>28</sup> Dessa forma, as missões itinerantes jesuítas pelo mundo tinham esse perfil de controle através da prática apostólica: “A acção missionária era, de facto, um instrumento particularmente eficaz no controlo e, portanto, no governo dos fiéis”.<sup>29</sup>

Consideramos que, embora possua esta característica de um instrumento de controle social, as missões itinerantes pelo interior da colônia portuguesa foram motivadas pela essência do catolicismo renovado, marcado pela caridade e piedade cristãs. Reiteramos que, se por um lado os jesuítas possuíam uma noção clara do termo missão, a dinâmica imposta pela realidade colonial a redefiniu e a fez adquirir aspectos bem próprios desta realidade. Não deixar de considerar que a ação do mancebo “tapuia” a quem os padres atribuem um súbito estado de loucura e quebra a pia batismal alterou aquele pequeno projeto de missão; ou a preocupação em vestir as mulheres escravizadas para evitar o desejo sexual dos senhores; tampouco que o entusiasmo dos missionários Joseph Bernadino e Domingos de Arahujo em ver os colonos assistindo a missa entre os escravos, não sejam exemplos de experiências propiciadas pela realidade colonial escravista é desconsiderá-los enquanto sujeitos históricos. Outro aspecto a ser considerado é a deficiência do clero diocesano, que diante do espírito de piedade e caridade cristãs imanente aos jesuítas foi em grande medida, o motivo responsável pela incorporação do colono ao foco missionário, como destacado varias vezes na documentação.

---

<sup>28</sup> PALOMO, Federico. *Fazer dos campos escolas excelentes: os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Edição-Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e a tecnologia, 2003.

<sup>29</sup> Ibidem. p. 447.

